

**QUELIMANE**

# **BUROCRACIA FAZ APODRECER TONELADA E MEIA DE BATATA**

• **Mário Machungo detecta a situação e denuncia favoritismo**

por João Carimo

Uma tonelada e meia de batata, apodreceu nos armazéns do Posto de Venda número um da Hortofrutícola, na cidade de Quelimane. O produto, que se destinava ao abastecimento da população local, foi detectado pelo dirigente da Província da Zambézia, Mário da Graça Machungo, quando no passado dia 30 de Novembro visitou as instalações daquele estabelecimento.

Mário Machungo foi solicitado a visitar o posto de venda número um da hortofrutícola, em Quelimane, pela presença de centenas de pessoas em alta gritaria diante do estabelecimento.

O dirigente da Província da Zambézia que passou pelo local, foi informado que os trabalhadores do posto de venda da hortofrutícola, haviam encerrado as portas, apesar de a população ali se encontrar desde as primeiras horas da manhã.

Mandando chamar o responsável do posto de venda, que já se encontrava em sua casa, Mário Machungo ordenou a abertura das portas do estabelecimento. No interior do posto, o dirigente da Zambézia deparou com uma grande quantidade de batata amontoadas num dos cantos do estabelecimento e outras apresentando já um estado agudo de deterioração.

Convidado a justificar a situação, o responsável do posto disse que a deterioração da batata devia-se ao atraso da aprovação, por parte do Comércio

Interno, do plano de venda apresentado pela Delegação da Hortofrutícola.

— Não podemos sujeitar o cidadão à inoperância do nosso sistema burocrático — disse Mário Machungo, que ordenou a venda imediata de toda a batata existente.

De acordo com a explicação dada ao dirigente da Zambézia pelo responsável do posto de venda, a batata encontrava-se no armazém a aguardar a aprovação do plano de venda, havia já uma semana, enquanto, por outro lado, centenas de pessoas aguardavam dias inteiros especadas na bicha diante do estabelecimento, pela oportunidade de a poderem comprar.

— Isto é um autêntico abuso e desrespeito pelo Povo intolerável na nossa Revolução. Nunca devemos fazer o Povo pagar o preço da morosidade e ineficiência dos nossos papéis.

Denunciou ainda com particular vigor, a burocracia que em Quelimane enferma o sistema de abastecimento às populações.

Este não foi o primeiro caso em que a falta duma rubrica vinda lá dos gabinetes do Comércio Interno, manteve por vários dias produtos e artigos nos armazéns, enquanto as populações permanecem horas e dias nas bichas sem nunca saberem quando se processa a venda.

— Quando não é a falta duma assinatura que atrasa a venda dos produtos é o senhor responsável lá do sítio que não está presente para controlar a venda já aprovada. A população é que tem de ficar injustificadamente dias seguidos nas bichas — comentou na mesma ocasião um dos cidadãos que se encontrava na bicha do posto da Hortofrutícola, saudando assim a intervenção do dirigente da Zambézia.

Tal situação, variadíssimas vezes criticada duramente por Mário Machungo, só prejudica a população, pois conforme constatámos quando da sua visita ao posto de venda número um da Hortofrutícola, as chamadas «portas do cavalo» não deixaram de abas-

tecer um pequeno grupo de oportunistas.

**DENUNCIAR**

**«PORTAS DO CAVALO»**

Temos que acabar com o sistema de venda de produtos pela porta de trás aos amigos, padrinhos, comadres e familiares. O que existe é para o Povo e deve ser vendido racionalmente a todos — afirmou Mário Machungo, apelando à população para que denuncie estas irregularidades.

O dirigente da Província da Zambézia, anunciou na ocasião que doravante, toda a prática de venda pela «porta do cavalo», seria objecto duma severa punição, pois, de acordo com Mário Machungo, ela atenta contra a aplicação dos nossos princípios revolucionários.

Respondendo ao apelo, a população denunciou perante o dirigente da Província, algumas atitudes de venda pela «porta do cavalo», praticadas pelos trabalhadores da Hortofrutícola.

— A vossa missão não é favorecer quem quer que seja. A vossa tarefa é vender por igual e justamente a todos. Não recebem e não vos pagamos para praticar o nepotismo e o favoritismo, acrescentou Mário Machungo.

N. 12/12/83